

## DANIEL NA COVA DOS LEÕES

*Por trás de minha máscara pensarão que sou forte.  
Terei ouro, serei ocioso e brutal.<sup>1</sup>*  
Rimbaud

Os anjos me protegem e minha fé é certa. O alvo está logo ali, parado, esperando. Exorcizo a autoclemência e deixo de lado as bobagens de quem acredita na redenção artística que talvez aconteça em algum lugar, em algum tempo e, talvez, para alguém.

O medo de ser contrário não me faz esconder. Como dizia alguém: estou cansado desta antropofagia vegetariana. Estou aprendendo – certo, outra vez – e tenho esperança na mudança pois toda ação tem sua reação.

Despindo-me para o encontro divino, percebo que meu corpo é único e repetido. Da contradição nasce a síntese. Re-produzir, como reflexo, do outro lado do espelho ou produzir refletindo, deste lado do espelho.

A esperança de reinvenção vem quieta sem que nós percebamos.

“Os olhos da cobra verde / hoje foi que arreparei / Se arreparasse a mais tempo não amava quem amei / Arrengo de quem diz que o nosso amor se acabou / Ele agora está mais firme do que quando começou / Água com areia brinca na beira do mar / A água passa, a areia fica no lugar / (Aqui em São Paulo tem uma lagoa escura) / Arrudiada de areia branca.”<sup>2</sup>

<sup>1</sup> RIMBAUD. *Sangue Ruim*. In: RIMBAUD. *Uma temporada no inferno & iluminações*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

<sup>2</sup> VELOSO, Caetano. *It's a long way*. In: *Transa*. 1972.

A cidade tomo para mim. A pichação é uma invenção. Supera o corpo, estendendo-se para o vazio; ocupando com ação invisível a clareira urbana. A conquista do espaço é aqui. Público é o meu anonimato e a imagem é para sempre minha. Vadios, Trama, Pedro Gomes, MC, ONI, Big Bel CBC (agora a torre cai). Todos meus irmãos. Ninguém pode negar. Ninguém pode me parar!

Na escuridão todos os olhos estão esperando por você. O quadro é todo negro. O coro em silêncio canta: “eu não quero morrer eu não quero morrer eu não quero morrer”.<sup>3</sup>

E por um instante passo a ser e agir como um dos animais (Daniel na cova dos leões), dormindo esquecido, choro por você, mas a manhã no meu quarto nasce azul e o dia me dá fome. Saio à caça de tempos e espaços que me retirem desta hipnose vegetal. A sorte me encontra na música, que agora, não sai mais da minha cabeça.

que agora, não sai mais da minha cabeça.

que agora, não sai mais da minha cabeça.

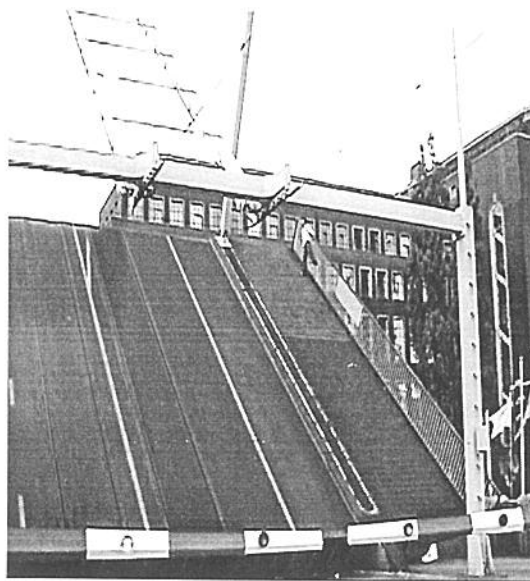
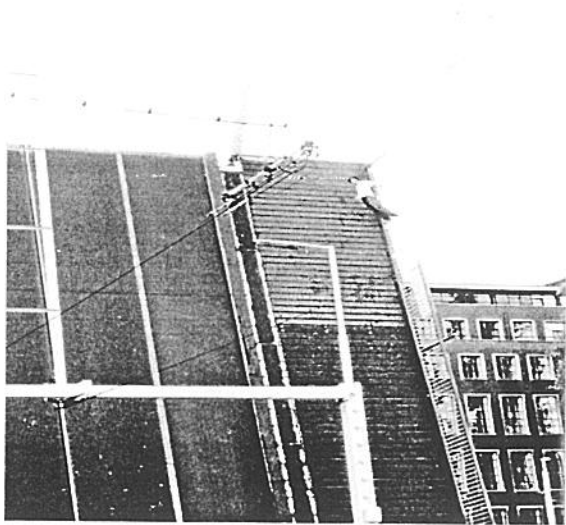
“Mas que nada / sai da minha frente que eu quero passar / o samba está animado e o que eu quero é sambar / este samba que é misto de maracatu / (é samba de Chico Science) / é samba de preto tu / mas que nada / um samba como este tão legal / você não vai querer que eu chegue no final?!”<sup>4</sup>

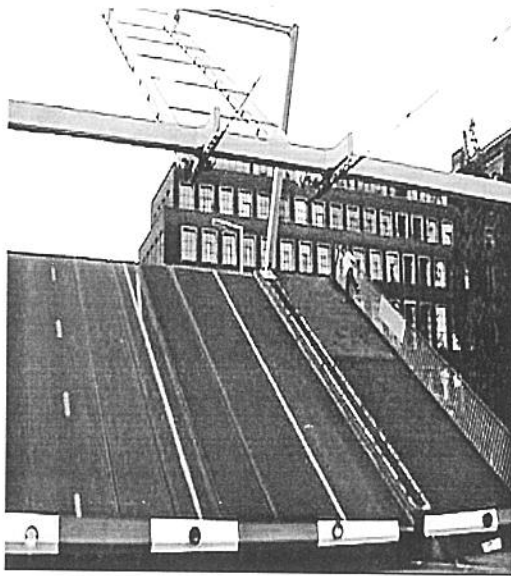
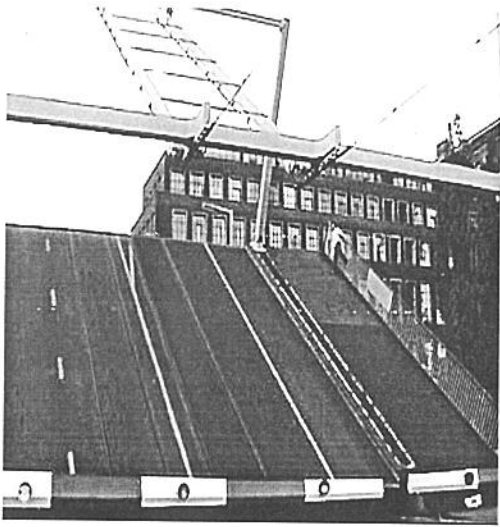
Daniel Lima, 2000

<sup>3</sup> NETO, Dionisio. *Opus Profundum*. 1996.

<sup>4</sup> BEN, Jorge. *Mas que nada*. In: *Samba Novo*. 1969.







*Rua, Campinas, 12: 65-71, 2006*



